

RUA DR. DELPHINO CINTRA

Ato nº 25 de 29-06-1931

Formada pela rua sem denominação, no centro  
 Início na avenida Francisco Glicério  
 Término na avenida Barão de Itapura  
 Centro

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de  
 Campinas Orosimbo Maia.

DR. DELPHINO CINTRA

Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra Filho nasceu na cidade de São Paulo, em 20-agosto-1838 e faleceu em 06-abril-1895. Era filho do Dr. Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra e Antonia Benedita da Silva Cintra e foi casado com a distinta artista e pintora Angélica de Vasconcellos Florence, filha de Hercules Florence, com descendência. Delphino Cintra defendeu teses em 1867, bacharelando-se em Direito, em 1858. Iniciou-se na profissão em Campinas, onde estabeleceu banca de advocacia, aqui permanecendo cerca de dez anos, transferindo seu escritório para a capital paulista, onde foi advogado do Banco do Brasil. Na política militou nas fileiras do Partido Conservador, por cuja legenda foi deputado provincial em várias legislaturas, a primeira vez em 1866, a última em 1877. Foi deputado geral desde 1876, havendo sido eleito em primeiro lugar. Estava incluído na lista triplíce para Senador, quando sobreveio a Proclamação da República. Durante a fecunda administração do Dr. João Theodoro Xavier de Mattos, à frente do governo de São Paulo, de 1872 a 1875, constituiu-se no braço e cérebro da presidência provincial. Em 1874, classificou-se em primeiro lugar no concurso para preenchimento de cátedra na Faculdade de Direito, sendo seu nome preterido, devido à política. Em junho de 1872, durante o Ministério Rio Branco, foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina. Nessa oportunidade, trabalhava em companhia de seu irmão Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, o Barão de Jaguará, nos estudos de organização da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Logo após a proclamação da República, o Dr. Delphino Cintra retraiu-se dos negócios públicos. Lavrador, tratou de suas propriedades agrícolas com zelo e inteligência. Em 1865, fundou, em companhia de Pedro Taques de Almeida Alvim, o jornal "Diário de São Paulo", sendo seu redator-chefe por muito tempo. O Dr. Delphino Cintra faleceu somente quatro meses antes de seu irmão, o Barão de Jaguará.

Militou ativamente na política paulista, nas fileiras do partido conservador. Foi Deputado provincial em várias legislaturas, a primeira vez em 1866, a última em 1877. foi deputado geral desde 1876, e foi eleito em 1º lugar com 846 votos, em rude campanha; e estava incluído em <sup>lista</sup>tríplice para senador, quando sobreveio a Proclamação da República no Campo de Sant'Ana. Quer na Assembléa Provincial, quer na Assembléa Geral, assinalados serviços prestou a seu Partido, à Província e à Nação Brasileira. Durante a longa e fecunda administração do Dr. João Theodoro Xavier de Mattos (1872-1875) foi o braço e o cérebro da presidência daquele Paulista, original e ilustrado que tão fundo sulco deixou nas anais de nossa terra briosa e independente.

Em 1865 fundara o Diário de S. Paulo, do qual foi redator chefe com o Dr. Pedro Taquás de Almeida Alvim, um político intransigente e espírito humorístico que fora em 1858 o fundador do "Azorogue".

O Diário de S. Paulo em sua primeira fase prestou muito bons serviços à causa do Partido Conservador. Mais tarde, com outros proprietários e nova redação, filiou-se a dissidência conservadora que, em 1881, montou a empreitada política conhecida pelo nome de União Conservadora, que baqueou ingloriamente de 14 de Julho de 1889, prenunciando o movimento de 15 de Novembro do mesmo ano, ao qual o seu chefe aderiu prontamente nas colunas editoriais do Correia Paulistano, crismando o Imperador - de ex-Imperador, e o Senhor D. Pedro II — de D. Pedro de Alcantara...(1)

Desde 1881 o Partido Conservador de S. Paulo estava entregue aos lobos. E si, nas eleições de 1884 e 1885, ostentou alguma pujança, e aparentou certa força de 1886 a 1888, isto foi unicamente devido aos bons conselheiros que orientavam a fatuidade do presidente do Conselho Diretor os srs. Delfino Cintra, Jaguára, Rodrigo Silva, Rodrigues Alves, Duarte de Azevedo, Conde de Carnahyba, Dutra Rodrigues e alguns outros, e à correção e ao patriotismo dos presidentes da província, que tiveram que arcar com as imposições, filhas da imprevidência e da inófia intelectual do senador do Império que desprezava os ouros pés da Realza.

Entrou em concurso para lente da Faculdade de Direito em 1874; foi classificado em 1º lugar, em consequencia das próvas brilhantes que apresentou. Não foi escolhido, embora sob uma situação conservadora, que o preteziu para nomear um liberal, que fora classificado em grau inferior, embora inteligente e ilustrado.

Desvanecida esta sua aspiração a cathedra do ensino superior, o Dr. Delfino Cintra consagrou-se de preferencia a política; não tardou em assumir um dos principais postos de honra no seio do seu partido.

Chefe preponderante na zona do antigo 9º distrito, conseguiu ser eleito, mesmo em opposição. O eleitorado daquela circunscrição territorial ainda não tem apagadas de sua mente as memoráveis campanhas de 1884, contra o gabinete Bantas, e de Agosto — Outubro de 1889, no início da situação liberal: o Dr. Delfino contendia com o mais influente e prestigioso dos chefes republicanos o sr. Francisco Licério, e com o chefe liberal, sr. coronel João Carlos Leite Penteado. Em 2º escrutínio, os diretores do partido liberal foram de uma correção admirável; ao passo que a União Conservadora, sorateiramente guerreava o candidato que simulava apoiar, os eminentes diretores da situação recentemente inaugurada mandavam os seus amigos votar no endidato conservador e antifederalista.

Em Junho de 1872, sob o ministério Rio Branco, sendo chefe supremo do partido Conservador Paulista o Dr. João Mendes de Almeida, o Dr. Delfino Cintra fora nomeado presidente da provincia de Sta. Catharina, para onde seguiu no dia 25 do mesmo mês. Eis em que termos se expressava, a tal respeito, a "Opinião Conservadora", n.279 de 27 de Junho de 1872, nas suas columnas editoriais:

"Já tivemos occasião de redigir os nossos cumprimentos ao illustre correligionario, manifestando os nossos sinceros desejos de bom exito na comissão que vai desempenhar.

Os talentos do digno Paulista, os serviços incontestáveis a causa do Partido, e a sua constante fidelidade aos princípios políticos que professa, são títulos sobejos para fazer prospera administração felicitando a provincia de Santa Catharina.

"Veio a nomeação do governo sorprendel-o nos gratos trabalhos de organização da companhia Mogyana, alentando e promovendo a iniciativa dos povos dessa região da provincia, a que a empreza vai favorecer.

"Habitudo assim ao trabalho, e. exc., com o exemplo da prosperidade dessa provincia e os seus brilhantes rasgos de iniciativa, saberá por em ação as forças enérgicas da provincia de Santa Catharina dando-lhes vigoroso impulso.

"Prospera seja a carreira politica e s. exc., para bem do país e contentamento dos seus amigos."

O Dr. Delfino não iludiu as previsões dos seus amigos; correspondeu cabalmente à confiança do Governo Imperial e fez uma presidencia benéfica e fecunda. Infelizmente, poucos mezes permaneceu ele na administração daquella provincia. Entretanto os seus benefícios e a sua retidão grangearam-lhe a estima de seus juradicionados, que até hoje guardam grata lembrança do seu nome.

Logo após a proclamação da República, o Dr. Delfino Cintra retraiu-se dos negócios públicos. Lavrador importante num dos municípios mais ricos de S. Paulo, tratou de suas propriedades agrícolas com zelo e intelligencia. Em 1890, porém, entendeu dever, ao lado de seu irmão o Barão de Jaguará e de outros vultos importantes dos dois antigos partidos constitucionais e da parte mais moderada do partido republicano, contribuir para a organização de um Partido Conservador na República; no fundo, verdadeira partido de reação e resistência à politica ditatorial do Governo Provisório "constituído pelo "exercito e Armada, em nome da Nação".

Já escrevemos esta história em outro lugar.

Diremos apenas que o Dr. Delfino Cintra tomou parte na reunião de 17 de agosto de 1890, no palacete do sr. Luiz Antonio de Souza Queiroz, e na de 15 de Janeiro de 1891 no Banco de S. Paulo. Ambas as reuniões compostas de elementos heterogeneos, deram um resultado completamente negativo. Era curioso ver-se "coude à coude", reunidos na mesma idéia de guerra ao governo, os srs. Marquês de Tres Rios e Dr. Rangel Pestana, O Barão de Jaguará e o dr. Cerqueira Cezar, os drs. Brasílio Machado, Moraes Salles, Augusto Queiroz, Abrenches, Antonio Ribeiro, Albuquerque Lins, Barões de Mogy-Guassú, Geraldo Rezende, de Cintra, de Araraquara, De Rezende, drs. Delfino Cintra, Luiz Barreto, conselheiros Moreira de Barros, Gavião de Leoncio, Rodrigo Lobato,

RUA DELFINO CINTRA

Cochrane, Pedro Lessa, E. L. Bourroul, Castilho, Miranda Azevedo, Vieira de Carvalho, Firmiano Pinto, Dino Bueno, Mello Freire, F. Braga, Luiz Carlos, A. Candido Rodrigues, Pedro Vicente, Carlos do Amaral, conego Manuel Vicente, Olavo Egydio, Polycarpo de Queiroz e muitos outros (m) que tinham de reaparecer na reunião palaciana de 12 de Março de 1891, brilhar como meteoros no céu da politica ameriquista, desaparecer com a opposição e a fuga do presidente conciliador e voltar, em massa, aos arraiais de antes de 15 de Novembro.

"Discite moniti"!

; ; . . . . .

O Dr. Delfino Cintra negou-se absolutamente a fazer parte da chapa dos senadores e deputados forjada no palacio do governo, na noite historica de 12 de Março. Não se le, portanto, seu nome subscrevendo a Constituição Política do Estado de S. Paulá, promulgada a 14 de Julho de 1891.

Malograda a tentativa de uma organização conservadora com pessoal seleta, mas com elementos tão disparatados. o Dr. Delfino Cintra de acôrdo com o Dr. João Mendes de Almeida, recomendou a mais completa abstenção eleitoral aos monarquistas.

O illustre paulista entendia que as urnas nada valiam e que as depurações de que fora vitima, nos pleitos de 15 de Setembro de 1890 e de 30 de Abril de 1891, o partido Católico era uma lição e um exemplo. Este modo de pensar ao nosso ver errôneo, foi aliás geralmente perfilhado pelos chefes da opposição radical, obedecendo ao Dr. João Mendes de Almeida, com quem mais de uma vez, discutimos este ponto de doutrina, para nós essencial na vida dos povos livres e na economia dos partidos políticos. Deus disse:- ajuda-te que te ajudarei. E se passou o tempo em que se amarravam cães com linguças não chegou ainda o tempo das "cailles roties", nem voltou o das cebolas do Egito e do maná do deserto...

O Dr. Delfino Cintra após cruel enfermidade cardíaca, faleceu nesta cidade no dia 6 de Abril de 1895. Pouco lhe sobreviveu o Barão de Laguarda.

O seu funeral foi muito concorrido; a sua morte sentida extremamente por todas as classes da sociedade paulistana e pranteada por os seus correligionários e adversários. à beira do túmulo a imprensa e a politica tecerem bello panegírico; e a oração fúnebre do bom chefe acatado foi o preito de homenagem de todos os afeiçoados e de todos os políticos sinceros.

Deixou viuva -- a filha de Hercules uma senhora ricamente prendada artista distinta e pintora de apurado gosto como seu pai; e numerosa prole que ele soube educar com esmero e que guarda religiosamente o deposito de seu nome.

Com o seu talento e com o seu trabalho adquiriu bens de fortuna que legou a sua família. Melhor e mais rico patrimonio lhe deixou a sua memória venerada, o lustre de um nome immaculado.

*Edm*

DR. DELFINO CINTRA



Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra nasceu na capital da província de São Paulo, a 20 de Agosto de 1838.

Era filho do Dr. Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, natural de Minas Gerais. e de D. Antonia Benedita de Silva Cintra, desta capital. Descende da histórica família dos Ullôas, oriunda de Castella. Em Ouro-Preto existem documentos comprobatórios da alta linhagem e da antiguidade de sua família.

Seu pai formou-se em Ciências Sociais e Jurídicas e na nossa Faculdade de Direito no ano de 1834; e conjuntamente com elle: Paula Ramos, Apolinário Bernardino, Fálizardo Pinheiro, Almeida Melli, Sayão Lobato, Queiroz Coutinho, Souza Ramos, Crispiniano Ramalho, Josino, Nebias, Pimenta Bueno, Carneiro de Campos, Pacheco, Silveira da Motta.

O Dr. Delfino Senior occupou os cargos de Juiz Municipal e de Orfãos dos termos de Jacarehy e de Mogy-Mirim, dedicando-se em seguida a profissão de advogado, em cuja carreira salientou-se por suas luzes e notável talento.

Foi eleito deputado a Assembléa Provincial desde a primeira legislatura, 1835, até 1858; e prestou serviços importantes em 1842m na defesa da Legalidade contra a impensada e malograda Rebelião, chefiada pelo illustre Rafael Tobias de Aguiar e amparada pelas cabeças potentes de Feijó e Gabriel...

Exerceu por muitos anos o cargo de delegado de policia, Inspector da Instrução Pública; e lugares de eleição popular.

Militou constantemente nas fileiras do velho e glorioso Partido Conservador, do qual constituiu-se um dos próceres, numa época em que os princípios e os serviços era Tudo, e — Nada, as pessoas e as riquezas.

Geração viril! E educada na Escola de austeridade e do labor!

Legou à sociedade que adotara, a sua Família e ao seu Partido — a tradição de um carater probo, de um chefe acatado e de um legionário fiel. — Qualidades que transmitiu a sua Prole.

Após brilhantes estudos academicos, Delfino Cintra recebeu o gráu de bacharel em Direito em 1858.

— Foram entre outros, seus colegas de formatura: Baltazar Carneiro Benjamim R. Pereira, Braz Barbosa, Oliveira Aigueiredo, Cristiano Stockler, Homem de Mello, Infante Vieira, João Bueno, Ataliba Nogueira, Cortines Lake, João Bráulio, Oliva Maia, Horta de Araujo, Cardoso de Mello, Fernandes Pinheiro, Duque Estrada Teixeira, Tamandaré, Rafael de Barros, Vanancio Lisboa, Washington R. Pereira, etc.

Defendeu teses em 1867 — Abriu escritório de advocacia em Campina e ali casou-se a 15 de Dezembro de 1874, com a exma. Snr. D. Angélica de Vasconcellos Florence.

Mais tarde, transferiu seu escritório para a capital e foi advogado do Banco do Brasil.



Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayava”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que se dá da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Travessa da Barque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Cudes Barreto”, a travessa que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua paralela á Fepilense e Barque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocinio”, a rua marginal á Fepilense, no Guanabara, parallelle á Cel. Moraes; — “Rua D. Anna Euphorisima”, a rua 1.ª parallelle á I.ª de Marco, no Guanabara, entre Barque de Macedo e Fepilense; — “Rua Dr. Barque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Rabasi Sampaio; — “Rua MacHardy”, a rua n.º 2 do arruamento Piccolotto; — “Rua Elias de Souza”, a rua parallelle á Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Licudo”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa parallelle á rua Americo Brasileira.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o cumprimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretário,

Amílcar Alves.

## ACTO N.º 25

### (Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas:

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parallelle á Rua Dr. Emílio Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Bóe Esperança; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parallelle á rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitinguy”, a rua que fica parallelle á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parallelle á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibianga”, a rua 8 da Villa Industrial, parallelle á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — “Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Travessa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuhy) parallelle á Barreto Leme; — “Rua Americo Brasileiro”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que dá Av. D. Libânia vai á Itapura — 1.ª parallelle á rua do Sacramento; — “Rua Otoguinho”, a rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuhy; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parallelle á Paroneza Gerardo de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parallelle á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Souza Lima”, a 3.ª parallelle á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parallelle á Estrada de Ferro Mogyana; — Começa na rua Salustiano Ponteco, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fepilense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Bellia

DIÁRIO DO POVO

9 DE JUNHO DE 1954



B. P. M. "Prof. E. M. Zink"  
 Documentário de Campinas

## RUAS DA CIDADE:

**DELFINO CINTRA, Dr. — rua**

(Delfino Pinheiro de Uihôa Cintra Filho)

Começa na rua Marechal Deodoro e termina na Avenida Barão de Itapura, unindo o CENTRO, VILA ITAPURA, BOTAFOGO.

A denominação foi dada pelo Ato n.º 25, de 29 de junho de 1931.

Tem duas larguras: 13 e 14 metros.

**Dados Biográficos:** O advogado Dr. Delfino Pinheiro de Uihôa Cintra Filho nasceu na cidade de São Paulo, em 20 de agosto de 1838 e faleceu em 6 de abril de 1895. Era filho do Dr. Delfino Pinheiro de Uihôa Cintra e de dona Antônio Benedita da Silva Cintra.

Formado em Direito em 1868, defendeu tese em 1867. Iniciou a profissão com banca de advogado aqui em Campinas, onde casou-se em 15 de dezembro de 1874 com dona Angélica de Vasconcelos Florence, filha de Hércules Florence.

Mais tarde transferiu-se para S. Paulo, onde foi advogado do Banco do Brasil.

Como político militou nas fileiras do Partido Conservador. Foi deputado provincial em várias legislaturas (1866/1887). Em 1876 foi eleito em primeiro lugar. Era candidato a senador quando foi proclamada a República.

Prestou relevantes serviços à Província e à Nação. Foi o braço e o cérebro da fecunda administração do Dr. João Teodoro Xavier de Matos (1872/75).

Antes, porém, em 1865, juntamente com Pedro Taques de Almeida Alvim, fundou o jornal o "Diário de S. Paulo", sendo seu redator-chefe por muito tempo.

Concorreu e classificou-se em primeiro lugar em 1874, no concurso para lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, não logrando nomeação por ser de política contrária. Aborrecido, dedicou-se exclusivamente à política, e em junho de 1872, no Ministério Rio Branco, foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina, nomeação que veio surpreendê-lo na organização da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

A.M.G.